

“Economia ficará parada por 6 meses”

A Brasil

13 NOV 1987

GAZETA MERCANTIL

Vera Saavedra Durão
do Rio

O resultado das medidas de ajuste fiscal indica que, pelo menos por um prazo mínimo de seis meses, a economia brasileira passará por um desaquecimento muito forte, incluindo uma paralisia nas decisões de negócios em geral. A avaliação foi feita pelo ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antonio Barros de Castro, economista e professor do Instituto de Economia (IE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O economista comentou o pacote oficial anunciado na segunda-feira durante seminário internacio-



Antonio Barros de Castro

nal sobre Instituições e Desenvolvimento Econômico numa Perspectiva Comparativa sobre Reforma do Estado, promovido pela

UFRJ e pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

“Esse prazo de seis meses é uma linha divisória entre os otimistas e os não-otimistas diante desse quadro”, declarou. Segundo Barros de Castro, os não-otimistas trabalham com a possibilidade de outros problemas de várias naturezas emergirem no decorrer desse prazo mínimo, incluindo problemas

falências e aumento do desemprego. “Mas estamos todos fazendo hipóteses sem muita segurança”, admitiu.

Para Barros de Castro, três fatores serão determinantes no resultado final das medidas que o governo vem adotando para conter a crise dos mercados internacionais que atingiu o Brasil. O primeiro é verificar se os investimentos estrangeiros em curso serão mantidos ou não no País. “Há sinais de que as multinacionais vão manter seus investimentos no Brasil sem mesmo desacelerá-los”, revelou, considerando esta probabilidade auspiciosa. O segundo é mensurar a quebra resultante da inadimplência que vem se espraiando pela economia. “O importante é verificar se essa onda avançará ou não”, alerta. E, por último, é necessário o governo obter consenso em relação às medidas que adotou. “Estamos todos no mesmo barco”.

Na sua análise, os governos federal e estaduais devem trabalhar partindo de uma situação determinada por essa crise para resolver seus problemas. “O importante é ter em mente que a crise é de fato internacional”, avisou Barros de Castro. Ele lembrou que quase sempre os pilotos da economia brasileira têm um olhar distante em relação aos fatos externos e o cacoete de achar que o Brasil é invulnerável ao que acontece lá fora. “Agora, não há como fugir desta realidade”.

Durante o seminário internacional, o economista norte-americano e professor da Universidade de Brown, no estado de Nova York,

Robert Wade, chamou a atenção para as semelhanças entre a economia brasileira e as economias dos países do Sudeste Asiático, atingidas pela crise financeira internacional. Especialista em mercados daquela região, Wade lembrou que o Brasil, a exemplo de países como a Tailândia, tem dependência excessiva do capital externo, produz bens de menor valor agregado e enfrenta descompasso em suas contas externas.

Wade ressaltou que essa pendência levaram à desestabilização econômica da Ásia. Sempre usando a Tailândia como exemplo, o professor incluiu outros pontos em comum com o Brasil, como a defasagem

tecnológica imposta pelo Japão aos países da região, agravada pela emergência da China no cenário mundial. Sem condições de enfrentar a concorrência chinesa, os “tigres” estão registrando déficits crescentes em sua balança comercial. Essa situação tem gerado desconfiança nos investidores que apostavam em suas economias, dificultando-lhes o pagamento de suas dívidas externas.

Ao comentar a palestra de Wade, Barros de Castro deu destaque para o fato de que “a instabilidade macroeconômica instalou-se na região e vai demorar muito tempo para a economia voltar aos trilhos”.